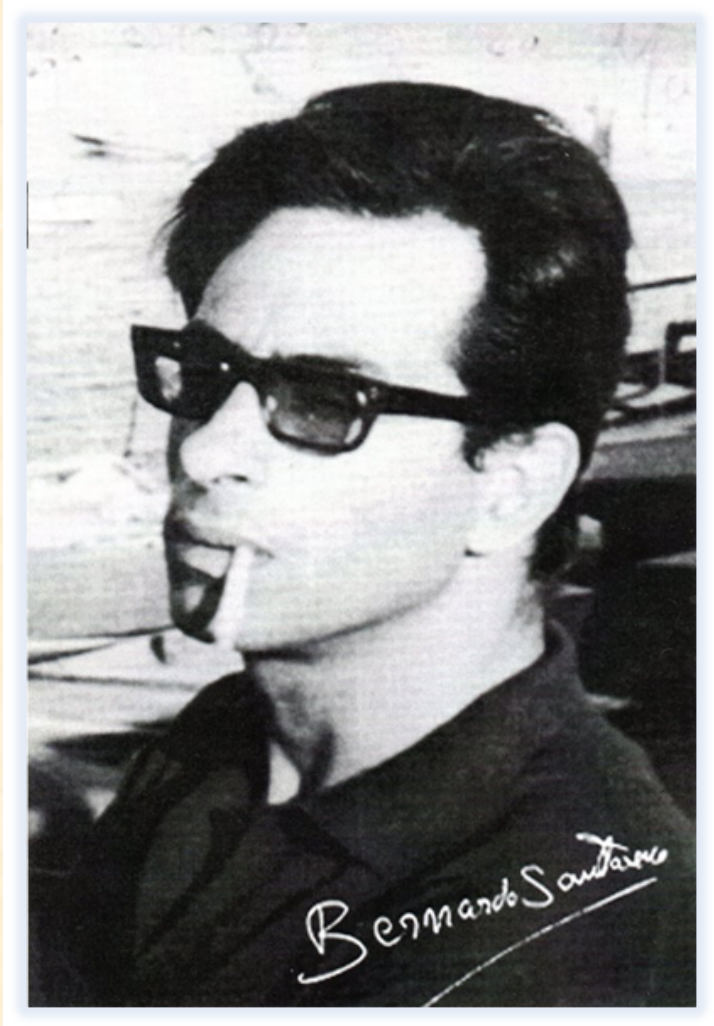


JORNADA SANTARENO



UM AUTOR, UMA OBRA:

**Cruzamentos
Interrogações
Desafios**

6 de Outubro de 2020 | 09h30-18h30

Fábrica Braço de Prata

Organização: Centro de Estudos de Teatro | FLUL



Centro de Estudos de Teatro

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



COMISSÃO ORGANIZADORA:

Maria João Brilhante
Sebastiana Fadda
Ana Isabel Vasconcelos

SECRETARIADO:

Tatiana Dinis Ribeiro

ORGANIZAÇÃO:



Centro de Estudos de Teatro



APOIO:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos «UIDB/00279/2020» e «UIDP/00279/2020»

PARCEIROS:



Festejar Santareno

O Centro de Estudos de Teatro associa-se às Comemorações Nacionais do Centenário do Nascimento de Bernardo Santareno, organizando uma Jornada de reflexão, agendada para o dia 6 de Outubro, na Fábrica Braço de Prata.

Esta Jornada de reflexão conta com a participação de professores e investigadores, bem como de artistas que trabalharam os seus textos.

Celebrar um dramaturgo unanimemente aclamado, mas nem sempre praticado nos nossos palcos, levou Fernanda Lapa, actriz e encenadora que, infelizmente, acabou de nos deixar, a conceber várias iniciativas que dessem a conhecê-lo, sobretudo junto das gerações mais jovens. Apesar de a sua peça *O Judeu* (1966) ter feito parte do programa oficial de Português no ensino secundário, os seus textos, que desde os anos 50 foram alvo de censura (*A Promessa, O Crime da Aldeia Velha, António Marinheiro, O Pecado de João Agonia*) e através dos quais foi criando a sua identidade artística e literária, permanecem quase desconhecidos. Cabe-nos, pois, trazê-los ao nosso convívio através das palavras dos que os frequentaram seja na academia seja nos palcos.

José Oliveira Barata, Graça dos Santos, Maria Helena Seródio, Jorge Palinhos, Karim Himda e Sebastiana Fadda propõem análises e cruzamentos em torno de temas, de modelos dramáticos e de aspectos da recepção da sua obra. Na verdade, a escrita dramática de Bernardo Santareno cruza de forma produtiva o seu conhecimento de dramaturgias e estéticas teatrais modernas (Lorca, Artaud, Genet, Brecht) que soube enraizar numa temática e no universo axiológico e político nacionais do antigo regime. A denúncia de toda a forma de repressão constitui energia criadora que se concretiza em temas, quer de carácter social, quer existencial. Revisitar modos de expressão dramática dessa opressão vivida por Santareno com profunda dor não deixa de ser uma oportunidade única para reflectirmos sobre os perigosos caminhos que se abrem perante nós.

Quanto aos artistas convidados, Luís Castro, fundador da Karnart, dará a conhecer os processos de criação de *António Marinheiro* e *Pecado* e durante uma mesa redonda iremos conversar com Rui Mendes e Miguel Moreira sobre como vêem Santareno em cena nos nossos dias. Durante a jornada ouvir-se-ão as palavras de Bernardo Santareno em leituras animadas por Teresa Faria e Rui Pina Coelho.

As organizadoras
Setembro 2020

PROGRAMA

09h30 | Abertura

10h00 | Palestra

José Oliveira Barata (FLUC)

11h00 | Pausa

11h15 | Comunicações:

Maria Helena Seródio (CET-FLUL) | O teatro de Bernardo Santareno depois de Abril de 1974

Jorge Palinhos (ESAP, ESTC) | A violência como libertação de Bernardo Santareno

12h00 | Debate

12h30 | Leituras de excertos da obra de Santareno

Teresa Faria (CET-FLUL)

Rui Pina Coelho (CET-FLUL)

13h00 | Almoço

14h30 | Comunicações:

Graça dos Santos (Universidade de Paris, Nanterre) | Bernardo Santareno teatro com autor de corpo presente: do uivo abafado à cólera contrariada

Sebastiana Fadda (CET-FLUL) | Teatro, documentação e novas tecnologias: Bernardo Santareno nos recursos digitais

Karim Himda (Mestrando em Estudos Românicos | FLUL) | Marginalização e poder em Bernardo Santareno: alguns apontamentos

15h30 | Debate

16h00 | Comunicação:

Luís Castro (Karnart) | Abusos dramaturgicos em *Pecado e António Marinheiro*: exposição de um processo

17h00 | Pausa

17h15 | Mesa redonda com artistas:

Miguel Moreira e Rui Mendes | De *O judeu* a *O Duelo* (1981-2017): palavras e corpos no palco do Nacional.

18h30 | Fecho da Jornada

PARTICIPANTES

Palestra

Ao darmos carta-branca ao conferencista convidado, pretendemos oferecer-lhe a possibilidade de uma abordagem ampla da escrita e da figura de Bernardo Santareno nas suas contradições, cruzamentos e singularidades, tal como nos surge hoje. Conhecendo a obra de Santareno como ninguém, o professor e estudioso do teatro José Oliveira Barata não deixará de suscitar diálogos estimulantes com todos os participantes, sejam eles investigadores, profissionais do teatro ou curiosos do fenómeno teatral.

José Oliveira Barata

José Oliveira Barata é Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Contribuiu com obras de amplo fôlego para a historiografia nacional em matéria de teatro, contando-se neste âmbito vários títulos de referência: *História do teatro português* (1991), *História do teatro em Portugal (séc. XVIII): António José da Silva (o judeu) no palco joanino* (1998) e *Máscaras da utopia: História do Teatro Universitário em Portugal: 1938/74* (2009). Para além de textos dispersos na imprensa periódica, em monografias e colectâneas de, ou juntamente com, outros autores, a sua lista de publicações inclui livros de apoio ao pensar e fazer teatro, como *Didáctica do teatro* (1979) e *Estética teatral* (1981).

Aliás, pôs as mãos nas obras de Gil Vicente, Ruzante, António José da Silva, Molière, Dario Fo e Jaime Gralheiro, entre outros, no papel de encenador, tendo colaborado como Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, os Bonifrates e o Ócios e Ofícios.

O seu nome surge associado à fundação do Cénico - Grupo de Teatro Popular de São Pedro do Sul, à recuperação de teatro português de cordel e de peças de Angelo Beolco, dito o Ruzante, de quem traduziu *A mosqueta* (editada em 1973 e 200) e *Falatório de Ruzante que veio da guerra*.

O teatro de Bernardo Santareno depois de Abril de 1974

A minha comunicação visa apresentar uma breve introdução à dramaturgia de Bernardo Santareno após a Revolução do 25 de Abril de 1974, integrando dois grupos de peças:

1. *Os marginais e a revolução* (que inclui 4 peças);
2. Três quadros de revista.

Procurarei reler algumas dessas peças na perspectiva de identificar uma nova dramaturgia, mais alargada na sua visão social e mais profunda na verificação do mal que uma longa ditadura havia causado ao país.

Maria Helena Seródio

Maria Helena Seródio é Professora Catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Especialista em Estudos Anglisticos e em Estudos de Teatro, tem integrado o DEA, o CEAUL e, desde a sua fundação até à data, o CET, que dirigiu e coordenou. Tem vasta publicação, experiência docente e de investigação nas suas áreas de eleição: Literatura Dramática de Expressão Inglesa, William Shakespeare, Literatura Dramática Portuguesa, Teatro em Portugal nos séculos XX e XXI, Documentação em Teatro, Crítica de Teatro, Análise de Espectáculos e Estudos Comparatistas.

Em 1992 criou o projecto CETbase (base de dados sobre Teatro em Portugal), de que assegura a Direcção Científica, e nos anos 2007-2016 dirigiu a Base Temática do Teatro, realizada pelo CET em parceria com o Instituto Camões.

Fundou - juntamente com Luiz Francisco Rebello e Carlos Porto - a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro, de que foi Presidente da Direcção.

Entre 2003-2006 presidiu ao Júri do Prémio da Crítica e entre 2004-2014 criou e dirigiu a revista *Sinais de cena*, de que saíram 22 números.

É membro da congénere AICT/IATC, de que foi Secretária Geral, tendo assegurado Seminários Internacionais para Jovens Críticos e dirigido os primeiros números da revista online *Critical Stages/Stages Critiques*.

É autora dos livros *Financiar o teatro em Portugal: a actuação da Fundação Calouste Gulbenkian (1959-1999)* (2013), *Joaquim Benite: desafiou Próspero... e inscreveu o mundo no seu teatro* (2013), *Questionar apaixonadamente: o teatro na vida de Luís Miguel Cintra* (2001), *William Shakespeare: a sedução dos sentidos* (1996) e *Leituras do texto dramático: exercícios sobre autores ingleses e norte-americanos* (1989), tendo assinado muitos ensaios dispersos em colectâneas académicas.

Colaborou em periódicos nacionais (*Vértice, Jornal de Letras, O Diário, O Jornal, Seara Nova...*) e internacionais (*Du Théâtre; The World of Theatre - International Theatre Institute; ADE - Revista da la Asociación de Directores de Escena; New Theatre Quarter...*), reflectindo sobre teoria, crítica e actividade teatral, em Portugal e no mundo.

A violência como libertação em Bernardo Santareno

Bernardo Santareno foi um dos mais significativos dramaturgos portugueses do século XX, tendo a sua obra atravessado a agonia do Estado Novo e o nascimento da III República Portuguesa. Apesar de ter uma obra desigual, marcada por influências de Lorca e Brecht, aquilo que atravessa parte considerável da sua obra é a representação da violência, recorrentemente apresentada como ritual libertador da opressão e único escape para personagens presas a convenções sociais. Partindo da leitura de obras teatrais da fase inicial da sua carreira, procurarei apontar ligações biográficas, políticas, mas também intertextuais à violência cénica que os seus textos esboçam.

Jorge Palinhos

Jorge Palinhos é escritor e dramaturgo, e peças suas já foram apresentadas e/ou editadas em Portugal, Brasil, Espanha, França, Países Baixos, Bélgica, Alemanha, Suíça e Sérvia. É doutorado em Estudos Culturais com uma tese sobre dramaturgia lusófona contemporânea. Foi dramaturgo e dramaturgista convidado na Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012, é dramaturgista da companhia belga Stand-up Tall, investigador residente da companhia Visões Úteis, e docente convidado da Escola Superior Artística do Porto e da Escola Superior de Teatro e Cinema.

Rui Pina Coelho

Rui Pina Coelho (Évora, 1975) é Professor Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dirige o Centro de Estudos de Teatro da FLUL e a *Sinais de Cena – Revista de estudos de teatro e artes performativas*. Publicou *Este título não que é muito longo: textos para teatro (2011-2018)* (Companhia das Ilhas, 2020); *António Pedro* (Coleção Biografias do Teatro Português, CET / TNDM II / IN-CM, 2017); *A hora do crime: A violência na dramaturgia britânica do pós-Segunda Guerra Mundial (1951-1967)* (Peter Lang, 2016); *Casa da Comédia (1946-1975): Um palco para uma ideia de teatro* (INCM, 2009); *Inesgotável Koltès: Dois ensaios sobre Na solidão dos campos de algodão de Bernard-Marie Koltès* (ESTC, 2009); *Às vezes quase me acontecem coisas boas quando me ponho a falar sozinho* (Companhia das Ilhas, 2013) e *Já passaram quantos anos perguntou ele e outros textos* (Húmus / TEP, 2013), entre outros títulos. Coordena o volume *Teatro Contemporâneo Português: Experimentalismo, Política e Utopia [título provisório]* (TNDM II / Bicho do Mato, 2017). Coordena o Laboratório de Escrita para Teatro, do Teatro Nacional D. Maria II, de 2015 a 2019. Como autor, dramaturgista ou tradutor colabora regularmente com o TEP – Teatro Experimental do Porto.

Teresa Faria

Mestre em Artes Cénicas pela Universidade Nova de Lisboa e pós-graduada em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, investigadora colaboradora do Centro Estudos de Teatro da FLUL e Docente / Formadora creditada pela Universidade do Minho.

Integra o conselho editorial da *Sinais de Cena - Revista de estudos de teatro e artes performativas* e, desde 2018, é membro do Júri do FATAL.

Profissional das Artes do Espectáculo, desde 1983, a sua formação artística foi complementada com mestres como Marcia Haufrecht, Sygmont Molik, Polina Klimoviskaia, Yoshi Oida, Ferruccio Soleri, Eugenio Barba, através da F. C. Gulbenkian.

É atriz, dramaturga e encenadora. Assinou a dramaturgia e encenação de *O meu irmão. Théo e Vincent Van Gogh* (SLTM) e de *O Grito* (APPACDM de Ponte de Lima), sendo autora de *O menino e o mar* e, em co-autoria com José Carretas, de *Malaquias, Caixa preta e O erro humano*. Como intérprete tem participado em espectáculos teatrais e séries televisivas, sendo de recordar as recentes presenças em *Kiki van Beethoven* (T. Meridional), *A Reconquista de Olivença* (SLTM / T. do Eléctrico), *A Nona* (Teatroesfera) e *Uma família portuguesa* (T. Aberto), tendo porém colaborado com várias outras companhias em inúmeras produções asseguradas por, entre outras instituições e entidades, TNSJ, SLTM, TNDM II, T. Aloés, Escola de Mulheres, T. da Cornucópia, CCB, T. Trindade, T. da Terra, A Barraca, A Comuna e Bonifrates.

Em televisão/cinema refiram-se: *Zeus*/Paulo Filipe Monteiro; *Les ondes*/ Baier; *A morte de Carlos Gardel*/Solveig Nordlund; *Conta-me como foi*/J. Queiroga; *A outra margem*/Luís F. Rocha e Alice/Marco Martins.

Foi, ainda, “coaching” para o lançamento do livro *A educação do Delfim* (F.C. Gulbenkian) e dirigiu cursos como «Vidas em cena» e «Preparação do Actor», na Academia INATEL, APPACDM e ESTAL.

Publicou o livro *Os iluminados* e tem artigos dispersos em periódicos da especialidade.

Bernardo Santareno teatro com autor de corpo presente: do uivo abafado à cólera contrariada

Se eu vencesse a angústia, o terror, o desértico vazio deste túnel negro...

Se eu suportasse o silêncio terrível desta noite cerrada e sem estrelas.

[Bernardo Santareno, «Meditação», Nos Mares do Fim do Mundo, Lisboa, Ática, 1959, p. 83].

O teatro de Bernardo Santareno é percorrido por personagens espartilhadas, contrariadas na realização dos seus desejos físicos, sociais e até na formulação da dor que os percorre e que não podem soltar. São seres em situação de opressão, incapacitados quanto à expressão e à realização profunda do seu ser íntimo. Na produção dramática de Bernardo Santareno, o fantasma da tragédia paira e ensanguenta vidas condicionadas por um sistema ditatorial que tudo vigia e controla. Veremos como a questão do impedimento da concretização das aspirações das personagens do dramaturgo faz eco de um sofrimento lancinante que o autor exprime ou induz em toda a sua obra escrita.

Alargaremos a nossa análise também aos textos diversos do autor incluindo prosa, poesia, correspondência...

Graça dos Santos

Graça dos Santos é Professora catedrática na Universidade Paris Nanterre onde dirige o CRILUS (Centre de recherches interdisciplinaires sur le monde lusophone); é investigadora associada no Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines onde codirige desde 2001 com Jean-Claude Yon o Seminário de investigação "Histoire du spectacle vivant XIXe et XXIe siècles", na Société d'Histoire du Théâtre, Bibliothèque Nationale de France, Paris. É docente no DPIP (Doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa) do CES / Coimbra. Os seus trabalhos estudaram em particular a ditadura salazarista e a censura. Encenadora, actriz e professora de teatro, escreve sobre as noções de corpo físico / corpo social, sobre as representações cénicas do corpo e do povo. Tem vários artigos publicados sobre a história do espectáculo europeu e sobre o teatro português ; é autora no Dictionnaire encyclopédique du théâtre à travers le monde (Dir. Michel Corvin), Bordas, Paris 2008. Publicou *Le spectacle dénaturé, le théâtre portugais sous le règne de Salazar 1933-1968* (CNRS éditions, Paris, 2002) editado em português na Editorial Caminho (Prémio «Revelação 2005» do Prémio de Literatura da revista Máxima); *Miguel Torga, le dialogue inassouvi, essai d'analyse de son écriture dramatique* (Peter Lang, Bruxelles, 2018). Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (Serviço de Belas Artes) entre 1983 e 1986 (formação em Estudos teatrais na Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle) e entre 1992 e 1996 (Doutoramento na Universidade Paris-Nanterre). Cofundadora da Companhia Cá e Lá (Compagnie bilingue français/portugais) tem desenvolvido um trabalho específico sobre o ator bilingue e sobre as conexões teatro e ensino das línguas. É diretora de «Parfums de Lisbonne – Festival d'urbanités croisées entre Lisbonne et Paris» cuja 14ª edição decorrerá entre maio e julho de 2021.

Teatro, documentação e novas tecnologias: Bernardo Santareno nos recursos digitais

Esta comunicação surge na sequência de um levantamento, ainda incompleto e provisório, de dados e registos em torno da dramaturgia de Bernardo Santareno. A sua presença nos recursos digitais, assegurada em projectos do Centro de Estudos de Teatro, bem como de outras Instituições públicas, propicia pensar-se numa sistematização geral – ou em várias e entrecruzadas – da informação que aí se encontra depositada, colocada ao dispor dos investigadores à distância de um clic.

Documentar e estimular, por esta via, uma aproximação ao conhecimento do teatro impresso e representado de Bernardo Santareno permite apontar pistas, formular considerações preliminares, clarificar necessidades e desenhar novas configurações para futuros aprofundamentos.

Sebastiana Fadda

Sebastiana Fadda é formada em Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas (1991) pela FL da Universidade de Milão, sendo Mestre em Literaturas Românicas (2001) e Doutorada em Estudos Teatrais (2007) pela FLUL. Tem sido bolseira de doutoramento (2001-2005) e de pós-doutoramento (2007-2013) da FCT, bem como bolseira da FCG (2006). Contratada pelo Programa I-FCT 2012 e pelo Programa CEEC-FCT 2018.

É investigadora do CET desde 2001 e tem obra publicada em livros e periódicos. Colaborou com a IN-CM na edição do teatro de Jaime Salazar Sampaio, Augusto Sobral, Teresa Rita Lopes e Jaime Rocha, sendo autora de *O teatro do absurdo em Portugal* (1998), *Teatro portoghese del XX secolo* (2001), *Jaime Salazar Sampaio: escritas à beira do palco* (2006) e *Alfredo Cortez* (2017). Tem traduzido textos literários – pt/it e it/pt – de autores como Teixeira de Pascoaes, Miguel Torga, Almeida Faria, Francesca Sanvitale e Domenico Corradini Broussard, entre muitos outros, quase todos já editados.

É membro da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e da Associação Portuguesa de Críticos Literários.

Marginalização e poder em Bernardo Santareno: alguns apontamentos

O presente trabalho investiga nas peças *O Pecado de João Agonia*, *O Crime de Aldeia Velha*, *Português*, *Escritor*, *45 anos de Idade* os aspetos relacionados com as posições menos favoráveis dos personagens principais destas peças no campo de poder e com a utilização das categorias de sexualidade, género e convicção política para justificar a sua marginalização.

Karim Himda

Karim Hmida é licenciado em Filologia Alemã e Estudos Portugueses pela Universidade de Göttingen, Alemanha. Atualmente está a frequentar um mestrado em Estudos Românicos na Faculdade de Letras e a desenvolver uma dissertação intitulada *De queimas, linchamentos e tortura: A perseguição dos marginalizados no teatro santareniano*.

Abusos dramaturgicos em *Pecado e António Marinheiro*: exposição de um processo

As palavras que Luiz Francisco Rebello escreveu para a folha-de-sala de *António Marinheiro*, que a KARNART apresentou no Inverno de 2002, indicam-nos qual foi o ponto de partida das abordagens dramátúrgico-cénicas que fizemos do autor: "Mas, porque uma obra de teatro é um corpo vivo, fecundado a cada representação pela inventiva do encenador, Luís Castro recusa uma abordagem passiva do texto de Santareno, libertando-o das escórias de um excessivo verbalismo...". Limpar o texto, cortá-lo em cenas, desordená-las, reorganizá-las: explicação, ilustrada por dossiers, mapas de trabalho e imagens que aflorará questões de autoria, apropriação, reinvenção, autorização, homenagem.

Luís Castro

Nasceu em Nampula, Moçambique, em 1961, licenciou-se em Medicina Veterinária em 1984, concluiu o curso de Língua e Cultura Italiana em 1990. A sua formação artística inclui múltiplos ateliers e oficinas, frequentou a Escola Superior de Teatro e Cinema, curso de teatro na Universidade Técnica de Lisboa, aulas regulares no Actor's Center, em Londres, e estudou Canto Lírico. Fala fluentemente inglês, francês e italiano, e trabalhou como ator entre 1987 e 2000. Em 2001 fundou a Karnart C. O. A. A. - uma estrutura profissional destinada à produção artística, criação e pesquisa -, onde tem vindo a desenvolver um conceito chamado Perfinst que atravessa Artes Performativas e Visuais, refletido em espetáculos marcantes e premiados (www.karnart.org). Lecionou, como professor convidado, na Escola Superior de Dança de Lisboa, na Escola Superior de Artes e Design, nas Caldas da Rainha, na Universidade Lusófona, nos institutos Etic, Restart, World Academy e Cascais School of Arts & Design.

Miguel Moreira

Actor, performer, bailarino e encenador, Miguel Moreira nasceu em Maputo, frequentou o curso de Artes e Ofícios do Espectáculo do Chapitô, entre outros, e é membro fundador da estrutura Útero, onde desenvolve o seu trabalho artístico há mais de 20 anos.

Intérprete, dramaturgista e encenador, o seu trabalho tem merecido atenção e destaque, sendo exemplo disso a peça *The Old King* (2011), criada com Romeu Runa, que obteve a nomeação para a melhor coreografia pela SPA em 2012 e foi seleccionada para a programação oficial do Festival D'Avignon.

Na representação de *Ricardo III*, no Teatro Nacional D. Maria II, sob a direcção artística de Tónan Quito, ganhou o prémio de melhor actor 2016 pela SPA e foi nomeado para o prémio de melhor actor nos Globos de Ouro. Naquele mesmo palco, em Fevereiro de 2017, ano em que o Útero celebrava 20 anos, Miguel Moreira encenou *O Duelo*, de Santareno, representação que considerou como uma obra de síntese do seu percurso, combinando configurações do início da sua prática artística com uma estética actual.

Trabalhou com encenadores e coreógrafos como João Brites, João Garcia Miguel, Tiago Rodrigues, Rui Horta, Olga Roriz, Ana Borrvalho e João Galante, Vera Mantero, Carlos Afonso Pereira, Ana Nave e João Perry.

No cinema participou em obras de Rodrigo Areias, Raquel Freire, João Botelho, Paulo Rocha, João Nuno Pinto, Eduardo Guedes, entre outros, tendo também constado no elenco de diversas séries televisivas.

Rui Mendes

Estudante de arquitectura, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, Rui Mendes tornou-se actor profissional em Dezembro de 1956, no Teatro do Gerifalto. No seu longo percurso artístico, integrou, entre outras companhias, a Empresa Vasco Morgado, Teatro Popular de Lisboa, Teatro Moderno de Lisboa, Teatro Nacional Popular, Teatro ABC, Teatro da Cornucópia, Teatro Nacional D. Maria II e Teatro da Malaposta. Colaborou regularmente com o Grupo 4/ Teatro Aberto e com o Teatro Adóque, de que também foi um dos fundadores.

Trabalhou com diversos encenadores, como António Manuel Couto Viana, Francisco Ribeiro, Adolfo Gutkin, Costa Ferreira, Fernando Gusmão, João Lourenço, João Mota, Luís Miguel Cintra, Jorge Lavelli, Fernanda Alves e José Peixoto, interpretando inúmeras personagens, dos mais diversos géneros teatrais.

Em 1971 foi distinguido com o Prémio para Melhor Actor de Teatro Musicado pelo SNEIT (ex-SNI) e pela crítica, recusando-o, porém, em protesto contra a Censura e a falta de apoio ao teatro.

A partir de 1975 dedicou-se à encenação, tendo assinado entre outros trabalhos: *Três Irmãs*, de Tchekov (1988, Teatro da Cornucópia), *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare (1991, Teatro da Malaposta), *Descendentes de Kennedy*, de Robert Patrick (1992, T. Malaposta), *A Louca de Chailot*, de Jean Giraudoux (1995, Teatro Nacional D. Maria II), *Tio Vânia*, de Tchekov (1998, T. Malaposta), *Picasso e Einstein*, de Steve Martin (2005, Teatro da Trindade) e *Vermelho Transparente*, baseado na obra de Jorge Guimarães (2006, TNDM II).

No cinema participou em cerca de vinte películas e, ao longo de mais de 40 anos foi presença assídua na televisão. A par da actividade de actor, Rui Mendes foi, durante duas décadas, professor da Escola Superior de Teatro e Cinema (1980-2000).

A 3 de Julho de 2020, foi agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Mérito. Neste ano foi, inclusive, escolhido como personalidade homenageada pela 37.ª edição Festival Internacional de Teatro de Almada, que lhe dedicou a exposição KITBox, concebida por José Manuel Castanheira.

Na obra de Bernardo Santareno, o realismo é um pretexto, é matéria e paciente. A alma, o movimento, a força formadora, o agente estão noutra região. Quando o autor vai para determinados factos e apaixonadamente observa e vive certas situações ou modos de vida, vai conduzido por um impulso tão violento e transformador que todos os factos e observações posteriores ficam tonalizados por ele, nele integrados e estruturados. Os elementos são reais; o modo como os selecciona, os agrupa e harmoniza, para deles resultar um clima e jorrar uma sensação e ascender uma respiração, isso é a sensibilidade e a atitude subjectiva do autor, fortemente redutoras, imbuídas de uma certa metafísica, construtora de um mundo poético.

[Goulart Nogueira, Diário da Manhã, 27/10/1959, estreia de o Luge, TNDM II]

